


## REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS DE JOVENS PERIFÉRICOS NUM COLETIVO ARTÍSTICO DA BAIXADA FLUMINENSE

### REFLECTIONS ON THE AUDIOVISUAL NARRATIVES OF PERIPHERAL YOUTH IN AN ARTISTIC COLLECTIVE FROM THE BAIXADA FLUMINENSE.


**Priscila Pinheiro de Lima da Silva**

 <https://orcid.org/0009-0008-6971-8797>

**Correspondência:** [priscilapinheirolimas@gmail.com](mailto:priscilapinheirolimas@gmail.com)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

**Wania Regina Coutinho Gonzalez**

 <https://orcid.org/0000-0002-4803-909X>

**Correspondência:** [waniagonzalez@gmail.com](mailto:waniagonzalez@gmail.com)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

**DOI:** 10.12957/cdf.2026.96999

**Recebido em:** 22 fev. 2026 | **Aceito em:** 23 abr. 2026

#### RESUMO

Este resumo aborda as atividades desenvolvidas pelo Coletivo artístico, composto por jovens e destinado a produção de memória audiovisual sobre percursos, vivenciados em ruas, vias urbanas. O objetivo precípua desta pesquisa é analisar a produção de narrativas visuais sobre o cotidiano enquanto retrato identitário, produzido pela juventude de um coletivo de produção artística audiovisual em municípios da Baixada Fluminense, à luz de autores da Sociologia Clássica e Contemporânea. Pesquisa de natureza qualitativa busca elucidar a análise de vídeos, produzidos pelo referido Coletivo Artístico. Utilizando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo (etnografia de tela). Através da análise busca-se refletir sobre as narrativas de jovens periféricos acerca das suas questões cotidianas, dificuldades enfrentadas na mobilidade urbana nas periferias da cidade do Rio de Janeiro. Conclui-se que a discriminação das classes populares periféricas retratada nos vídeos, possui um nexo com o que Rogério Haesbaert, chama de transterritorialidade fechada, a relação com a territorialidade do outro é marcada pela negação, pela imposição de limites e pela tentativa de preservar a própria territorialidade de forma exclusiva, onde tange a segregação das classes.

**Palavras-chave:** coletivos artísticos; periferias; juventudes.

#### ABSTRACT

This abstract addresses the activities developed by the artistic Collective, composed of young people and dedicated to the production of audiovisual memories about journeys



experienced in streets and urban thoroughfares. The primary objective of this research is to analyze the production of visual narratives about daily life as an identity portrait, produced by the youth of an audiovisual artistic production collective in municipalities of the Baixada Fluminense region, in light of authors from Classical and Contemporary Sociology. This qualitative research seeks to elucidate the analysis of videos produced by the aforementioned Artistic Collective. Using bibliographic research and field research (screen ethnography), this analysis seeks to reflect on the narratives of young people from the periphery regarding their daily issues and the difficulties they face in urban mobility in the outskirts of Rio de Janeiro. It is concluded that the discrimination against the working classes in the periphery, as portrayed in the videos, is linked to what Rogério Haesbaert calls closed trans-territoriality, where the relationship with the other's territoriality is marked by negation, the imposition of limits, and the attempt to preserve one's own territoriality exclusively, which touches on class segregation.

**Keywords:** artistic collectives; peripheries; youth.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a produção de narrativas visuais por jovens periféricos, num coletivo popular artístico atuante na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, como instrumento de produção do conhecimento em um espaço não formal de educação. A partir de uma pesquisa qualitativa no Canal Plá, com acesso pelo YouTube e Facebook será efetuado a correlação entre o relato do cotidiano a partir da websérie “Trajetos”.

O coletivo artístico composto por jovens e destinado a produção de memória audiovisual sobre percursos, vivenciados em ruas e vias urbanas. São oriundos do cineclubes Buraco do Getúlio, localizado na cidade de Nova Iguaçu. Aprenderam a manejar a ferramenta audiovisual, a qual hoje se tornou suas profissões. Entre outras produções, destaca-se “Trajetos”, em formato websérie, com seis episódios, envolvendo os caminhos e as vivências nas periferias cariocas. A direção de José Alsanne busca relatos de como seis personagens, em duas linhas municipais e duas intermunicipais de ônibus, uma linha de trem, uma de barca e um percurso de bicicleta atravessam cinco cidades da metrópole fluminense.

A pesquisa de natureza qualitativa com pesquisa de campo focada na etnografia de tela, e referencial teórico pautado na teoria crítica, busca elucidar o objetivo explicitado à luz da análise de vídeos, produzidos pelo referido Coletivo Artístico. Os cotidianos destes jovens são armazenados e publicizados no Youtube e Facebook no canal Plá, através da webséries “Trajetos”, a qual este trabalho busca abordar ao longo do texto. Por meio destes canais interagem com o público. Esse espaço midiático é o terreno jovem, um veículo dinâmico de interação social e disseminação de suas produções. Essas

produções criam e dão visibilidade as suas identidades culturais e territoriais. Através da escola de suas próprias vidas, apropriaram-se da educação popular e transformaram em imagens os fatos que interagem com suas realidades. Ideias imbricadas ao que Bauman (2005) e Hall (2006) classificam como identidade.

Assim, o presente texto aborda a produção de narrativas visuais por jovens periféricos, num coletivo artístico da Baixada Fluminense, utilizando o audiovisual como instrumento de produção do conhecimento em um espaço não formal de educação, relato do cotidiano enquanto retrato identitário, se configurando num espaço formativo.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Ultrapassando as barreiras do domínio hegemônico, os jovens, participantes do Coletivo pesquisado, buscam romper as estruturas rígidas e sociais, eles sobrepõem práticas coercitivas impostas por marcadores sociais. De forma flexível e fluída, as relações sociais abrem novos horizontes para práticas de inclusão, considerando a multiplicidade, a diversidade cultural. Desconstruindo ideias, é possível reconhecer as diferenças e respeitá-las (Hall, 2006).

Em contrapartida o sistema econômico, social e educacional é gerido pelo poder hegemônico e o que ocorre em sociedade, não é a ruptura dessas estruturas de domínio e sim, o sujeito dominado. Correlacionando com Bauman (2005), na busca por uma identidade, o sujeito e principalmente o jovem encontra pouca segurança emocional, tendo em vista vários fatores que prejudicam a reflexão crítica social, conduzindo-o à ações instintivas. Um desses fatores é a globalização e seus efeitos, em que se caracteriza na sociedade contemporânea pela fluidez, incerteza e falta de referências sólidas.

Bourdieu (2001, *apud* Bauman, 2005, p.34) em seu termo *Pensée unique*, quando se refere ao pensamento dominante do neoliberalismo, onde considerava uma forma de controle intelectual e social, que impõe uma visão de mundo que legitima as desigualdades sociais e a exploração do trabalho, limitando a capacidade de pensar em alternativas de mudanças.

O panorama histórico social, ao longo de décadas foi moldado para que o controle garanta o poder. Todo sistema econômico, social e educacional girando em torno das classes hegemônicas, assim essas classes cumprem seu propósito em torno do capital. Diante dessa definição de Marx e Engels (2007), o materialismo histórico evidencia uma

dialética enraizada em sociedade, tornando os sistemas públicos precários, utilizados pelas classes populares. Como os transportes públicos, sistema único de saúde (SUS) e educação pública, entre outros. De forma intencional e forjada, alguns modelos de estratégia de reprodução do sistema capitalista forjam consensos em torno de seu propósito. São formas de condicionar a população, agrupando indivíduos para que continuem dentro do círculo capital. Usando o exemplo da cadeia alimentar animal, seria uma “cadeia alimentar humana” ou nicho de mercado, respeitando a pirâmide hegemônica, algo que fugindo do controle capital desorganiza todo o sistema hegemônico.

Nessa perspectiva a democratização do acesso à educação fica restrita à educação básica dificultando os cidadãos das periferias a alcançarem os patamares elevados. Pois, esses lugares são ocupados pela hegemonia e seus herdeiros ainda que a entrada das classes populares no ensino superior tenha aumentado nas últimas décadas. Diante do exposto, identificamos que as narrativas juvenis rompem obstáculos segregacionistas, pois se utilizam de educação não formal, fora do sistema educacional forjado pelo Estado, para fazerem as suas críticas à desigualdade social. Produzem conhecimento fora do controle hegemônico, através das culturas das classes populares em movimentos sociais, estabelecendo novas conexões identitárias (Gohn, 2010; Hall, 2006).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na webserie Trajetos<sup>1</sup> os jovens ressaltam sobre as dificuldades enfrentadas na mobilidade urbana nas periferias da cidade do Rio de Janeiro. As dificuldades de acesso ao centro da cidade, para quem mora na periferia. Encontramos nesse cenário, as imagens dos vídeos, o trabalhador (proletariado), o estudante, enfim o sujeito pertencente as periferias do RJ, que circula nos coletivos apertados, no trem, o qual é retratado no vídeo trajetos 6 por Adriele Vieira e Trajetos 4 por Lidi de Oliveira. Lidi, relata que “o ônibus ao mesmo tempo que faz a ponte de acesso aos lugares, também faz a separação dos territórios”.

---

<sup>1</sup>Trajetos é uma websérie, contém 6 episódios com duração de 3 a 4 minutos, foi produzida em percursos pela periferia do Estado do Rio de Janeiro. Essas rotas se dividem em episódios, são: episódio 1 Chacara Arcanjo X Caxias/ 2 Mesquita X Central do Brasil/ 3 Niteroi X Glória/ 4 Parque Paulista X Central do Br./ 5 Penha X Centro/ 6 Austim X Central do Br. Trajetos está disponível no canal Plá no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=c8m2qYwc0-o&t=2s>

Cotejando com as ideias de Rogério Haesbarert (2014), onde o estado estimula e restringe a mobilidade urbana, ao qual transmite uma ideia falsa de liberdade, pois o estado delimita o território. Estabelecendo leis e regulamentos, através de controle de fronteiras e medidas que limitam a circulação de pessoas e bens. Da mesma forma promove a mobilidade através de investimentos em infraestrutura de transporte, acordos comerciais e políticas de livre circulação, com objetivos em torno do capital.

Assim como a globalização, é um processo irreversível que ao mesmo tempo que conecta, também divide, criando formas de desigualdade e exclusão. Haesbaert (2014), contrapõe a ideia de liberdade com a mobilidade e cita Paul Virilio, pois como supracitado acerca das estratégias de controles, são forjadas para que o poder continue dominando. Portanto, essa falsa liberdade é forjada para que se tenha aceleração, “quando você vai depressa demais, você é inteiramente despojado de si mesmo, torna-se totalmente alienado. É possível portanto uma ditadura do movimento” (Haesbaert, 2014 apud Virilio, 1984:65).

Quando Marx (2007) se refere a inconsciência retrata a ideia de que os indivíduos, no processo de trabalho dentro do sistema capitalista, produzem a sociedade e suas estruturas, mas sem consciência disso. Agem dentro de um sistema que molda suas ações, crenças e desejos, mas não compreendem plenamente o seu papel nisso. Essa falta de consciência leva à alienação. Percebe-se que ao produzir a realidade inconscientemente, o trabalhador se aliena, do produto do seu trabalho, criando algo que está fora da sua realidade, além de ser controlado por outrem. Se distanciando da sua própria essência, algo que poderia ser livre e criativo, se torna uma imposição rígida e opressora.

Portanto, o conceito de alienação está intrinsecamente ligado à forma como o trabalho é estruturado no capitalismo. Marx (2007) vê o capitalismo como um sistema que impede o trabalhador de se reconhecer no que produz, contribuindo para uma forma de existência marcada pela perda de sentido e desumanização. Haesbaert (2014) acrescenta que até mesmo a mobilidade interna da força de trabalho é controlada pelo estado. O trabalhador não tem controle sobre como o trabalho é feito, sobre as condições em que trabalha, e sobre as decisões que afetam sua atividade. Isso pode levar a uma sensação de impotência e falta de autonomia, dificultando a construção de uma identidade ligada ao trabalho (Bauman, 2005).

A perda de controle sobre o trabalho e as relações sociais pode levar a um sentimento de estranhamento em relação à própria identidade, como se o indivíduo se tornasse um objeto a serviço de forças externas (Bauman, 2005). Em Trajetos 6, a jovem

Adrielle Vieira, relata que presenciou o momento em que uma trabalhadora dentro do trem, dormiu no banco e por estar muito cansada, caiu do banco para o chão. A perda de sentido e desumanização se configura nessa cena, esta mulher já não passa os momentos livres em vigília, por ter sido explorada, não tem tempo de pensar por tanto cansaço, desmotivação. Ela representa a grande parte da população trabalhadora, assalariada que vive essa realidade.

A estação de trem se configura em um território de pertencimento das classes populares, reuni o grande contingente da população periférica, os quais são objeto de produção e circulação da economia, “as maquininhas” que sustentam o sistema capitalistas. Todos os dias saem de suas cidades dormitórios e se deslocam para seus domicílios de trabalho. Como diz Marcelo Falcão, “sou mais um no Brasil da central na minhoca de metal que corta as ruas” em (Rodo cotidiano). Esse trabalhador é explorado, oprimido, desumanizado, se torna alienado e no momento de retorno de todo seu esforço através do trabalho, recebe um sistema de saúde precário, educação precária, moradia precária. Pois é tratado como cita a música, como apenas mais um, uma estatística sem importância.

Sobre a desigualdade social, principalmente da discriminação das classes populares periféricas, correlaciono ao que Haesbaert (2014), chama de transterritorialidade fechada, a relação com a territorialidade do outro é marcada pela negação, pela imposição de limites e pela tentativa de preservar a própria territorialidade de forma exclusiva, onde tange a segregação das classes. Essa realidade, está muito pungente. Em Trajetos 6, Adrielle Vieira, conta que “percebe o racismo no olhar de algumas pessoas”. É notório que essa segregação está em sociedade, os grupos sociais tendem sempre a classificar pessoas, por vestimentas, por territorialidade, por cor, gênero e etnia (Bauman, 2005).

Atualmente, a supremacia promove incentivo a políticas públicas de inclusão social, porém o que existe é apenas performatividade (Foucault, 1975), ou seja, os incentivos em torno dessas políticas visam interesses em torno do capital social (Bourdieu, 2001). Gerando um conjunto de recursos onde indivíduos ou grupos adquirem devido à sua rede de relações sociais. (Bauman, 2005) Essas relações, que podem ser mais ou menos institucionalizadas, fornecem acesso a conhecimentos, reconhecimento e oportunidades que podem ser mobilizados para benefício próprio, de grupo ou empresas. Em essência, o capital social é o valor inerente às redes sociais de uma pessoa ou empresa e sua capacidade de usá-las para obter vantagens e ascender socialmente.

Portanto, entende-se que o capitalismo para se estabelecer, promove profundas desigualdades sociais e concentração de poder nas mãos de uma burguesia que atua em consonância com os interesses externos. Embora o estado, se apresenta como democrático trabalha na defesa dos interesses das classes dominantes, restringindo a participação política e social de grande parte da população.

No entanto, para que haja mudança nesse contexto de exploração e desigualdades sociais, é necessário que essas classes excluídas sejam conduzidas a pensar e a transformar a sociedade. Fortalecendo os elos, para que juntos possam lutar por seus ideais de liberdade (Marx; Engels, 2007).

Percebe-se que ainda hoje, diante de muitos estudos epistemológicos sendo desenvolvidos na academia e em espaços culturais que se preocupam com a valorização das diferentes culturas, ainda encontramos o que Bourdieu (2001) define como capital social. São interesses sociais que movimentam a inclusão social, mas que na íntegra ainda se mantém cristalizados nas culturas hegemônicas.

Embora o discurso seja efetivamente importante em um âmbito global e local, a função primordial da cultura reside na constituição das subjetividades e identidades pessoais. Tais significados, embora subjetivamente sentidos, materializam-se de forma objetiva na sociedade através de ações, práticas e institucionais, sendo que os discursos culturais nos interpelam a ocupar posições específicas de sujeito (Araújo, 2009).

O ponto central, segundo Candau (2008), não reside na simples admissão da pluralidade cultural, mas na articulação prática entre igualdade e diferença, sugerindo a ideia de promover a igualdade dentro das especificidades de cada cultura. Dialogando com a teorização de Santos (2003), que, embora defina multiculturalismo como a coexistência de culturas, aponta para a necessidade de ir além e reconhecer ativamente essa pluralidade em uma abordagem mais engajada.

Dessa forma os jovens, participantes do Coletivo artístico, uniram seus pares em busca de força para sobrepor a hegemonia. Assim promovendo mudanças através de suas produções audiovisuais, dão visibilidade a sua identidade, ascendendo a cultura territorial periférica. Através do reconhecimento intercultural promovem práticas de inclusão, desconstruem padrões sociais, interagindo com as realidades do território, que faz todo sentido a sua trajetória histórica e cultural. E o território, um espaço não formal de educação passa a ser um espaço formativo (Hall, 2006).

No cotidiano da vida, em várias atividades e experiências vivenciadas, o indivíduo está em constante aprendizagem. A aprendizagem é um processo que ocorre ao longo da

vida, em vários espaços sociais. Dessa forma, o coletivo artístico se desenvolveu, para além dos muros escolares, em um espaço social e formativo. Assim, em todo esse mecanismo de aprendizagem, eles, além de aprender também ensinam, expõem suas vivências através de narrativas que traduzem realidades cotidianas que se constroem de forma identitária (Gohn, 2010).

Dessa maneira essa aprendizagem que se dá de modo não formal, pode ser vista em todo tempo na vida. Em Trajetos 1, Lais Dantas, relata sobre as dificuldades enfrentadas com a linha de ônibus e o quanto isso pode ser um fator de afastamento de seu bairro do grande centro, da cidade de Caxias e do município do RJ. Laís, desenvolve um senso crítico, ao pensar sobre esse assunto e relata esses fatores em uma página, ao qual ela cria para dar visibilidade a crítica, ou seja, de forma independente ou também por ações e influências da vida, ela está criando, produzindo e construindo novas ideias. Podem ser influências sociais, culturais e muitas outras, que permitem que o indivíduo adquira experiências, práticas, porém não estão vinculadas a uma instituição, e não são intencionadas e nem direcionadas a uma organização (Gohn, 2010).

E assim, como todo indivíduo aprendente, visualizamos nesse espaço não formal, o jovem na escola da vida, lugar que há o encontro e a interação de diferentes identidades. Nesse mundo juvenil as relações de troca de experiências acontecem a todo o momento, propício a novas construções culturais, conceito crítico e político a respeito da sociedade e do mundo. Essa emancipação juvenil cria seu próprio espaço cultural político, ampliando a capacidade de aprender e incluir seus pares, que por pertencerem a classes populares encontram formas de vencer as barreiras do preconceito (Gohn, 2010).

Vejo no grupo de jovens artistas, essa união dos pares, com objetivo de vencer os marcadores sociais. Dando visibilidade a sua cultura, a cultura periférica, a cultura territorial, a qual sempre é retratada como inferior pelas mídias sociais hegemônicas. As classes populares e a educação popular, através dos movimentos sociais evidenciam no cotidiano que as práticas educativas são estabelecidas de fato, quando o processo formativo acontece de forma natural. A educação popular se insere enquanto forma libertária de criação das classes populares dando lugar a produções críticas e independentes, longe de manipulações e paradigmas (Gohn, 2010).

Portanto, na educação não formal, os conteúdos são direcionados a objetivos específicos aos quais de uma forma geral são engajados nas vivências de sua clientela, de seu público. Direcionado para uma formação crítica da realidade, aliando a produção de conhecimento diante das vivências reais do grupo, das diferentes culturas, da construção

de identidades, dos direitos e deveres de cidadão, do ser sociável dentro das regras sociais. São características que marcam o diferencial da educação não formal (Gohn, 2010)

Dentro desse contexto, Libâneo (2010) afirma que há intencionalidade na educação formal e não formal, pois ambas têm intenção de ensinar e induzir reflexões críticas. A diferença é que a educação não formal não tem intenção de formalizar, e não existe uma sistematização que precisa ser cumprida, e nem uma cobrança.

Em contrapartida Libâneo (2010), ressalta que diante do mundo contemporâneo, ao qual oferece aprendizagens em vários espaços e instâncias. A definição que separava estritamente as modalidades de educação formal, não formal e informal está passando por reconfigurações.

Hoje, com a mudança crescente dos processos informais e não formais sobre a educação formal, a inter-relação entre essas modalidades é mais fluida e dinâmica. Essas mudanças nos processos educativos se dão por diversos motivos: o advento da tecnologia é um deles, o qual proporcionou através da internet, redes sociais, Inteligência artificial (IA) entre outros, um vasto espaço de aprendizagem informal. De forma geral todas as faixas etárias aprendem, mas em especial, as crianças e os jovens, são o público que dominam habilidades mais fluentes para o manejo dessa ferramenta e adquirem mais conhecimento, fora do ambiente escolar.

O coletivo artístico utilizou a aprendizagem não formal de seu primeiro contato no cineclube, aprenderam ferramentas profissionais, como o manejo de câmeras, foco, abertura, entre outras. Além de produção de vídeos e filmes, montar roteiro, buscar atores e cenários, apesar de trabalharem com a realidade, acredita-se que para que tudo ocorra, demanda uma elaboração. Todo esse processo é uma experiência adquirida, é uma aprendizagem e que foi evoluindo. Através das redes sociais conseguem disseminar, dar visibilidade ao trabalho desenvolvido e interagir com o público. Toda essa produção, esse processo trabalhoso dos jovens demonstra e comprova por si o quanto a educação não formal foi importante nesse processo de aprendizagem e a interdisciplinaridade trabalhada constantemente.

A crescente busca por atualização é outro motivo das mudanças nos processos educativos. Devido às cobranças do mercado de trabalho, gerou o aumento da procura de cursos livres, workshops, treinamentos, todos se enquadram em educação não formal e a busca por saber e pesquisar configura-se na autoaprendizagem entrando na educação informal.

No entanto Gadotti (2005) pontua que considera as três modalidades de educação definidas por Libâneo, porém a educação não formal não pode sobrepor a educação formal, como o motivo de sua existência ser devido às lacunas da outra. Esse conceito é rejeitado por Gadotti por afirmar que atualmente os currículos que adotam uma perspectiva intercultural entendem a informalidade como parte integrante e fundamental do processo educacional contemporâneo.

Afonso (1989, *apud* Park, 2005, p.17) ressalta sobre as diferenças da educação formal e a não formal, a primeira é flexível e adaptativa, se molda de acordo com seu grupo, suas vivências. Em contrapartida alerta-se pelo risco da desvalorização da educação formal. Assim como também pontuam Park e Fernandes (2005, p.10), pois essa relação pode induzir a uma substituição de uma pela outra. O que poderia ocasionar em um empobrecimento social, educacional e cultural. Pois a educação formal também tem seu valor e contribuição educacional.

As contribuições de todas as modalidades não podem ser desconsideradas para o conhecimento e sim a inter-relação delas, a qual chamamos de interculturalidade. Esse conceito se dá através da interação do sujeito com o mundo. Como pontua Charlot (2000), a aprendizagem vai além da simples obtenção de conhecimento; trata-se, na verdade, da integração da realidade e do desenvolvimento da própria identidade, um processo que é, a um só tempo, coletivo e subjetivo.

#### 4 CONCLUSÃO

Concluo que o conhecimento sobre os contextos culturais, sociais e econômicos, é a base para o entendimento de vários problemas sociais. São abordagens teórico metodológicas que podem ser aplicadas à pesquisa educacional, fornecendo uma lente para entender as relações entre educação, sociedade e produção de conhecimento. Resposta para vários acontecimentos, como a precarização da educação e consequentemente das pesquisas na área. Devido a todo esse sistema hegemônico forjado para que o controle não permita o avanço da educação e do setor econômico.

As determinações históricas e as relações de poder definem muitas maneiras que encontramos para viver e pensar, ou seja, as relações sociais de produção. O mundo no qual existimos, independente de nossas escolhas, o modo de produção vigente,

“capitalista” e todo nosso entorno. Assim o ser humano através do trabalho e das relações sociais produz a vida, em um movimento constante e contínuo.

Portanto, entende-se que o capitalismo para se estabelecer, promove profundas desigualdades sociais e concentração de poder nas mãos de uma burguesia que atua em consonância com os interesses externos, como bem citado por Haesbaert (2014) transterritorialidade fechada, dando exclusividade a seu terreno e negando o livre acesso ao outro. Embora o estado, se apresenta como democrático trabalha na defesa dos interesses das classes dominantes, restringindo a participação política e social de grande parte da população.

No entanto, para que haja mudança nesse contexto de exploração e desigualdades sociais, é necessário que essas classes excluídas sejam conduzidas a pensar e a transformar a sociedade. Assim como aponta Gohn (2014) fortalecendo os elos, para que juntos possam lutar por seus ideais de liberdade. A educação em todas as instâncias se mostra um caminho para essa liberdade e a educação não formal direciona enquanto forma libertária de criação das classes populares, dando lugar a produções críticas e independentes longe de padrões pré-determinados. Onde a prática social, gera novos saberes e as vivências reais dão sentido a esses saberes, as construções identitárias, dos direitos e deveres e das regras sociais.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não-formal. Reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antônio Joaquim e STOER, Stephen R. **A sociologia na escola**, Porto: Afrontamento, 1989, p.83-96

ARAÚJO, C. Interculturalidade na perspectiva decolonial: contribuições para a educação. In: **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, visões, tensões e propostas. 1<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2009.

BAUMAN, Z. **Entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 110 p.

BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. Tradução Magali de Castro. In Nogueira, M. A.; Catani, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.71-79.

CANDAU, V. M. F. **Direitos humanos, educação e interculturalidade**: as tensões entre igualdade e diferença. Rio de Janeiro, RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, jan./abr.

2008. Disponível n. 37, em:<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>. Acesso em: set. 2025

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. O nascimento da prisão. 29. ed. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2004b.

GADOTTI, M. **A questão da educação Formal/não formal**. Suisse, 18 de outubro de 2005.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. (Questões de nossa época, v. 1).

HAESBAERT, R. Viver no limite: da transterritorialidade ao contornamento. *In*: HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2007

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

O artigo assinado é de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.